

AMY HARMON

# infinito + um.

Tradução  
Monique D'Orazio

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS  
EDITORA

**Editora**

Raíssa Castro

**Coordenadora editorial**

Ana Paula Gomes

**Copidesque**

Lígia Alves

**Revisão**

Cleide Salme

**Capa, projeto gráfico e diagramação**

André S. Tavares da Silva

**Foto da capa**

© Benedict Scheuer/Arcangel Images

---

**Título original**

*Infinity + One*

ISBN: 978-85-7686-442-4

Copyright © Amy Harmon, 2014

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2015

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

H251i

Harmon, Amy, 1968-

Infinito + um / Amy Harmon ; tradução Monique D'Orazio. -  
1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2015.

23 cm.

Tradução de: *Infinity + One*

ISBN 978-85-7686-442-4

1. Romance americano. I. D'Orazio, Monique. II. Título.

15-26312

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

## PRÓLOGO

# ã origem

A TELEVISÃO ESTAVA LIGADA. O SOM ALTÍSSIMO. SINTONIZADA EM algum canal de notícias de entretenimento, com a apresentadora sentada atrás de uma mesa, como se isso a fizesse parecer mais inteligente e desse mais credibilidade ao programa; porém seu bronzado artificial e os cílios postiços neutralizavam tanto a mesa quanto a expressão séria, e ele estendeu o braço para desligar. Então viu o próprio rosto aparecer na tela, e sua mão caiu frouxamente ao lado do corpo. Fixou o olhar numa imagem de si mesmo, olhando para baixo, sorrindo para ela, que estava com o rosto voltado para cima. Seu braço a envolvia pela cintura. Ela repousava uma das mãos no peito dele e retribuía o sorriso. A imagem então se transformou numa foto antiga em preto e branco, e ele prestou atenção, paralisado, sem reação, quando a apresentadora do programa de entretenimento começou a falar:

Bonnie Parker conheceu Clyde Barrow no Texas, em janeiro de 1930. Era o auge da Grande Depressão, e as pessoas estavam sem dinheiro, aflitas e sem esperança. Bonnie Parker e Clyde Barrow não foram exceção. Clyde tinha vinte anos; Bonnie, dezenove, e, embora nenhum dos dois tivesse muito a oferecer ao outro — Bonnie já era casada, mas o marido havia partido

há tempos, e Clyde não tinha nada além de uma ficha suja na polícia e a capacidade de sobreviver —, eles se tornaram inseparáveis. Ao longo dos quatro anos seguintes, entre passagens pela prisão e uma vida em fuga, eles abriram caminho pelo sul empoeirado, roubando bancos, lojas de conveniência e postos de gasolina, matando policiais e um punhado de civis, nunca parando em algum lugar por muito tempo. Um rolo de filme e uma coleção de poesias escritas por Bonnie, encontrados num esconderijo em Joplin, Missouri, trouxeram o romance dos jovens bandidos à vida e consolidaram seu lugar no panorama da história americana e na imaginação do público em todo o mundo. Eram jovens, loucos e estavam apaixonados, com pouca consideração pelo que não fosse um ao outro. Fugiam da lei, sabendo que a morte era inevitável, e, em maio de 1934, encontram seu destino. Sofreram uma emboscada numa estrada solitária da Louisiana, e cento e trinta tiros atingiram o carro do casal; eles tombaram juntos, o corpo crivado de balas; duas jovens vidas e uma onda de crimes trazidas ao fim. Eles partiram, mas não foram esquecidos.

Então a história se repetiu? Temos nossa própria versão moderna de Bonnie e Clyde? Dois amantes em fuga, deixando o caos por onde passam? Embora não sejam idênticas, as duas histórias têm semelhanças notáveis. E é de se perguntar se a fama e a fortuna em tão tenra idade não são parcialmente culpadas de tudo isso. Em vez da pobreza, que foi o pano de fundo para Bonnie e Clyde da década de 30, temos o extremo oposto. De qualquer forma, em ambos os casos, temos jovens que cresceram rápido demais, foram expostos à dura realidade muito cedo e, no fim das contas, se rebelaram contra o sistema.

Vemos algo assim de tempos em tempos: uma carreira promissora, um talento impressionante. E somos então deixados com a seguinte pergunta: O que exatamente aconteceu com Bonnie Rae Shelby?

# 1

## ângulo de depressão

ONZE DIAS ANTES

— Ouvi que todo mundo grita quando cai... mesmo os que pulam.

A voz veio do nada, me fazendo levar um susto, fazendo meu estômago estremecer e despencar na barriga, como se eu realmente tivesse me soltado e estivesse em queda livre através do nevoeiro. Eu não conseguia ver ninguém. A bruma era grossa, a oportunidade perfeita para eu me deixar levar pelo branco aveludado sem ninguém saber. A espessura enganava, a densidade me embalava numa falsa sensação de segurança, me envolvendo como se fosse me agarrar, como se eu pudesse me esconder nela por um tempo. Num sussurro úmido, ela dizia que me entregar seria fácil, indolor, que eu seria simplesmente envolta em uma nuvem, que não cairia. No entanto, parte de mim queria cair. Era por isso que eu estava ali. E não conseguia tirar aquela música da cabeça.

*Oh, my darling Minnie Mae, up in heaven, so they say  
And they'll never take you from me, anymore*

*I'm coming, coming, coming, as the angels clear the way  
So farewell to the old Kentucky shore.\**

— Desce daí. — A voz veio novamente. Sem corpo. Eu não conseguia nem dizer de que direção vinha. Era grave, áspera. Voz de homem.

Se eu tivesse que dar um palpite de acordo com o timbre, seria um homem mais velho, talvez da idade do meu pai. Papai teria tentado convencer alguém a descer de uma ponte. Talvez convencer essa pessoa cantando. Sorri um pouco com isso. A voz dele dominava minhas primeiras lembranças. Rica e familiar, com o sotaque anasalado e cantado que se tornou minha assinatura sonora. No início eu sempre levava a melodia, meu pai assumia o tom de tenor e minha avó entrava com as harmonias agudas. Cantávamos durante horas. Era o que a gente fazia. Era nisso que a gente era bom. Era por isso que a gente vivia. Mas eu não queria mais viver por aquilo.

— Se você não descer, eu vou subir. — Tive outro sobressalto. Tinha esquecido que ele estava ali. Rápido assim, eu tinha esquecido que ele estava ali. Meu cérebro estava tão nebuloso quanto o ar à minha volta, como se eu tivesse respirado a bruma. Ele comia os Rs e prolongava as vogais, como se estivesse dizendo “descê”. Não consegui identificar o sotaque. Minha mente falhou por um instante com a confusão. Boston. Era isso. Eu estava em Boston. Tinha estado em Nova York na noite anterior e na Filadélfia duas noites antes. Tinha sido Detroit na última segunda-feira? Tentei me lembrar de todas as paradas, de todas as cidades, mas tudo estava misturado num borrão. Eu raramente via muito das cidades onde me encontrava. Um lugar apenas se fundia no outro.

De repente ele estava ao meu lado, equilibrando-se na grade, com os braços apoiados nas treliças, sua postura imitando a minha. Ele era alto. Notei seu tamanho depressa, olhando ao redor dos meus próprios

---

\* “Ah, minha querida Minnie Mae, lá no céu, é o que dizem/ E nunca mais vão tirar você de mim/ Eu estou indo, indo, indo, com a ajuda dos anjos logo chegarei/ Por isso, da costa do velho Kentucky me despedirei.”

braços erguidos e agarrados à viga de suporte acima da minha cabeça. Meu coração afundou no peito e aterrissou com um baque nauseante no fundo da barriga. Bateu e pulou. Minha barriga estava vazia, mas isso não era novidade. Fiquei me perguntando se o homem era um estuprador ou um assassino em série. Dei de ombros, cansada. Se estivesse preocupada em ser estuprada ou morta, poderia simplesmente me soltar. Problema resolvido.

— Seus pais sabem onde você está?

Lá estava novamente. As vogais longas, comendo o final das palavras. No fim das contas, não era como a voz do meu pai. Papai nasceu e foi criado nas colinas do Tennessee. No Tennessee nós não engolimos os Rs. Deixamos a língua se enrolar em torno dos Rs como uma gota de limão antes de soltá-los.

— Posso telefonar para alguém por você? — ele tentou de novo quando não respondi.

Neguei com a cabeça, mas ainda sem olhar para ele. Mantive o rosto voltado para a frente, mirando o nevoeiro. Eu gostava do nada branco. Aquilo me acalmava. Eu queria ficar mais perto. Era por isso que tinha escalado a grade.

— Olha, menino. Não posso simplesmente te deixar aqui. — Sem R no final, mais uma vez. Eu estava fascinada com o sotaque, mas ainda queria que ele desistisse e fosse embora.

— Não sou um menino, então você *pode* me deixar aqui — falei pela primeira vez, notando como meu R ecoava de maneira desafiadora, assim como minhas palavras.

Senti os olhos dele no meu rosto. Virei e olhei para ele. Realmente olhei para ele. Ele usava um gorro enterrado na testa e por cima das orelhas, como eu. Estava frio ali fora. Eu tinha roubado o meu da equipe de segurança que me acompanhava, assim como um moletom enorme com capuz que alguém deixou no meu camarim. O gorro dele ficava natural. Não era roubado, eu tinha certeza. Cabelos loiros desgredados escapavam por baixo do gorro, mas as sobrancelhas eram grossas e quase tão escuras como a lã — cílios pretos sobre olhos de uma cor indecifrável. Na escuridão nevoenta, tudo parecia apenas ter diferen-

tes tons de cinza. O olhar dele era firme, e sua boca estava ligeiramente franzida, como se eu o tivesse surpreendido. Parecia que nós dois estávamos errados. Eu não era um menino, e ele não era um homem mais velho. Talvez fosse alguns anos mais velho que eu, se muito.

— Não, acho que você não é — disse ele, o olhar assustado fixando-se no meu peito, como se para verificar se eu era, de fato, do sexo feminino.

Arqueei uma sobrancelha e levantei o queixo, exigindo que ele também erguesse o olhar. Ele o fez, quase imediatamente, e voltou a falar. Sua voz era comedida; seu tom, suave.

— A questão é a seguinte: se cair, você morre. Cair pode parecer gostoso, mas aterrissar não é. Aterrissar vai ser uma merda. E, se você não morrer, vai gostar de ter morrido e vai desejar nunca ter se soltado, para começo de conversa. E vai gritar por socorro, mas vai ser tarde demais, porque eu não vou pular atrás de você, Texas.

— Não me lembro de ter pedido, Boston — respondi, cansada, não o corrigindo a respeito das minhas origens. Pelo jeito, todo mundo que fala arrastado deve ser do Texas.

O olhar dele pousou brevemente sobre minhas botas e depois deslizou até meus olhos, calculando.

— Nós dois sabemos que você não vai fazer isso. Corta o drama e desce. Eu te levo aonde você quiser.

Ele disse a coisa errada. Senti a fúria encher minhas entranhas vazias e subir rugindo pela minha garganta, como chamuscas num poço de elevador. As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto, naturais, protetoras, em resposta ao incêndio que queimava feroz no meu peito. Eu estava exausta. Completamente exaurida. Emocionalmente acabada. Estava cansada das pessoas me dizendo o que fazer, quando fazer, como fazer e com quem fazer. Estava cansada de nunca tomar nenhuma decisão por mim mesma. Então, ali mesmo, dei um show. As palavras dele consolidaram minha determinação. Vi o momento em que ele entendeu. Sua boca se moveu em torno de um palavrão silencioso e seus olhos se arregalaram.

Eu me inclinei para o nevoeiro e me soltei.





QUANDO MINHA IRMÃ GÊMEA MORREU, A MORTE SE TORNOU MUITO real. Era algo em que eu pensava quase o tempo todo. E porque ela estava lá, onde quer que as pessoas mortas ficavam, e porque eu a amava mais do que amei qualquer pessoa na face da Terra, parte de mim também queria estar lá. Foi assim que comecei a considerar minha própria morte, a contemplá-la, a me questionar. Não quis apenas morrer de repente. Isso não é algo que acontece de repente. Começa como um pensamento que cintila nos recessos mais sombrios do nosso cérebro por um instante, como uma vela de aniversário pouco antes de ser apagada. Só que a morte é uma vela traiçoeira. Do tipo que a gente atíça outra vez só para vê-la se inflamar de novo. E de novo. Cada vez que ela pisca de volta à vida, demora um pouco mais e brilha um pouco mais forte. A luz parece quase cálida. Amigável. Não parece algo que vai nos queimar.

Chega um momento em que a ideia bruxuleante se torna uma opção, e a opção se torna detalhada e precisa, com um plano A e um plano B. E às vezes com um C e um D. E, antes que a gente perceba, começa a dizer adeus de pequenas formas. “Talvez seja a minha última xícara de café. A última vez que vou amarrar estes sapatos, a última vez que vou brincar com meu gato. A última vez que vou cantar essa canção.” E há um alívio com cada “última vez”, como eliminar tarefas de uma longa e custosa lista. Depois, as pequenas velas em nossa cabeça se tornam pontes em chamas. As pessoas que querem morrer queimam pontes a torto e a direito. Queimam pontes e depois se jogam delas.

Naquela noite, eu tinha expulsado todo mundo do camarim que designaram para mim. Mandeí todo mundo sair. Sorri e falei baixinho. Não gritei, não chorei, não tive um momento diva. Nunca fiz isso. Esse era o trabalho da minha avó. Só pedi alguns instantes para mim mesma. Era a última noite da turnê e todo mundo ia querer comemorar. Eu tinha cantado no Madison Square Garden na noite anterior, e minha avó estava delirando de felicidade. Naquela noite, estávamos em outra arena “Garden”; chamavam-na de TD Gardens. Eu sabia que

devia estar extasiada, mas não estava. Sentia-me oca como uma grande melancia vazia. Meu pai costumava cortar o topo e comer a melancia como sorvete, de colher, até que ela se tornasse apenas uma casca vazia. Depois, ele recolocava a parte de cima para que parecesse novinha. Mais de uma vez minha mãe o xingou quando descobriu que o interior tinha sido inteirinho raspado.

Todos tinham saído — meu estilista, Jerry, minha maquiadora, Shantel, e alguns outros: esposas e namoradas da equipe de estrada que queriam estar presentes na última noite da turnê. O show acabou, finalmente. Bem, quase. Deixei o palco antes da última música, e as bandas de abertura estavam, com a minha, finalizando o medley que sempre faziam em conjunto para fechar a apresentação.

Eu disse que estava enjoada, mas, antes de deixar o palco, me apresentei exatamente como tinha sido treinada para fazer. Cantei as músicas do meu último álbum, além das mais famosas dos três anteriores. Com quatro discos no currículo, sem contar o lançamento apressado de todas as músicas que cantei no *Nashville Forever* um mês depois da minha grande vitória, eu estava consagrada no mercado, atração principal, vencedora do Grammy, e meu último álbum, *Come Undone*, era disco de platina.

Eu tinha cumprido minhas obrigações, e ninguém poderia dizer que eu não tinha feito jus. Cantei com o coração, cantei cada nota enquanto saltitava pelo palco com o traje cuidadosamente escolhido — jeans colado ao corpo, rasgado artisticamente, blusa preta de seda e botas country vermelhas —, caminhando sobre a linha entre “princesa pop” e “cantora country”, para maximizar meu apelo de mercado.

As luzes do palco eram quentes, mas minha maquiagem ainda estava no lugar. Cílios postiços, sombra e delineador aplicados de forma habilidosa faziam meus olhos castanho-escuros ficarem profundos e intensos, grandes olhos de cachorrinho pidão emoldurados por cachos soltos e dourados. Os cachos longos e loiros de Bonnie Rae Shelby, que haviam se tornado o estilo que meninas em toda parte tentavam copiar. Eu poderia ter dito a elas que era fácil. Os meus eram compra-

dos em lojas. Todas as meninas poderiam comprá-los também. Claro, agora custavam caro, mas não eram assim no começo.

Quando o cabelo da Minnie começou a cair por causa da quimioterapia, decidimos raspar a cabeça juntas, cabelo castanho-claro caindo no chão em pilhas macias. Éramos gêmeas. Gêmeas idênticas. Gêmeas espelhadas. Se Minnie ia ser careca, eu tinha de ser careca também. Mas vovó disse que eu não poderia ser careca no palco, de modo que, no dia em que fiz o teste para *Nashville Forever*, ela pegou nosso dinheiro do ônibus (e nosso dinheiro para comida) e me comprou uma peruca com longos cachos loiro-acinzentados.

— A Dolly Parton sempre usa peruca, Bonnie — vovó tinha dito, animada, puxando a peruca sobre minha cabeça lisa. — Olhe só! O cabelo loiro combina com você, Bonnie Rae. Faz você parecer um anjinho. Que bom. É isso que queremos. Cabelo de anjo para combinar com a sua voz angelical.

Eu tinha cabelo de anjo desde então, só que agora não usava uma peruca da Dolly Parton. Tinha apliques, fazia tinturas profissionais e tinha um cabeleireiro viajando comigo aonde quer que eu fosse. Um cabeleireiro, uma maquiadora, um estilista e uma equipe de guarda-costas. Também tinha uma pessoa de marketing, um agente e um advogado disponível a qualquer momento. E vovó. Minha avó era um pouco de tudo. Mas, principalmente, era minha empresária.

Ela não queria que eu fosse para o camarim sem ela. Minha avó era inteligente. E durona. E, às vezes, um pouco cruel e assustadora. Ela farejou algo estranho. Farejou as pontes queimando. Apenas não conseguiu ver a fumaça.

— Me dá um segundo, vovó. Tenho vinte e um anos. Posso ficar sozinha por meia hora sem que o mundo desabe. — Minha voz era calma, mas por dentro eu estava me encolhendo de medo. Eu era uma grande mentirosa. O mundo dela ia desabar naquela noite. Que ironia. Ela assentiu uma vez e depois se virou para cuidar dos negócios.

Agora eu estava sozinha.

Olhei-me no espelho grande na minha frente. Havia espelhos em todos os lugares. Passei a mão pelos cachos e pisquei algumas vezes.

Depois peguei a tesoura que eu tinha tirado da bolsinha de truques do Jerry. Comecei a cortar. *Pic, pic, pic*. E o cabelo de anjo começou a cair em volta dos meus pés, exatamente como tinha caído seis anos antes. Alguns fios pousaram nos meus ombros e no colo. Uma mecha caiu na frente da minha blusa, e eu comecei a rir. O cabelo espreitava do meu decote como se eu fosse um homem com peitos. Ri mais conforme fui cortando. E então havia apenas um pouco de cabelo sobrando. Eu estava em pé com tufo curtos na cabeça e em torno das orelhas, irregulares e desnivelados. Estava ainda mais curto que o de Damon. Damon era o baterista da turnê Come Undone. Eu o achava bonito, mas vovó o mantinha longe porque ficou sabendo que ele tinha herpes. Eu tinha certeza de que era porque ele tinha pênis. Minha avó fazia o seu melhor para manter todos os caras longe.

Os soluços do riso se tornaram algo mais próximo de lágrimas quando olhei para o que restava do meu cabelo, sabendo que agora não havia como voltar atrás, sabendo que Minnie não estava ali para ficar careca comigo. Esmaguei o arrependimento e tirei os cílios postiços, estremecendo quando as pernas de aranha resistiram ao ser arrancadas. Limpei a maquiagem com um punhado de lenços umedecidos e coloquei um gorro sobre o que restava dos meus cachos de anjo. O gorro tinha o perfume do Urso — era dele —, então senti a dor de novo, a dor que era mais difícil de aplacar que o arrependimento. Eu sentiria falta do Urso. Ele sentiria falta de mim.

As botas vermelhas e o jeans teriam de ficar. Eu não tinha mais nada para vestir ou tempo para me trocar. O moletom enorme da turnê veio em seguida, datas de shows de 2013-2014 estampadas nas costas em longas fileiras. Fiquei cansada só de olhar. Puxei o capuz sobre o gorro, protegendo o rosto como uma aspirante a gangster. Eu precisava me apressar. Não limpei o cabelo. Deixei tudo espalhado em uma confusão desleixada sobre a penteadeira e pelo chão. Eu realmente não sabia por que queria que minha avó visse aquilo. Mas queria.

Dei uma guinada na direção da porta e parei bruscamente. Como ia pegar um táxi ou um ônibus? Não tinha dinheiro. Não estava com

minha bolsa nem com meus cartões de crédito. Eu nunca carregava nenhuma dessas coisas. Nunca foi necessário. Quando precisava de alguma coisa, minha avó ou alguém se certificava de que eu conseguisse. Entrei em pânico por dez segundos inteiros, até que meus olhos recaíram sobre a bolsa da vovó, em cima da penteadeira. Eu não podia acreditar que ela havia deixado a bolsa ali.

Minha avó tinha sido pobre por muito mais tempo do que tinha sido rica, e nós, pobres, gostávamos de manter nosso dinheiro por perto. Enfiávamos debaixo de colchões e em sutiãs e cavávamos buracos nas paredes para guardar nossos tesouros. Minha avó tinha mentalidade de pobre, e teria até o dia em que morresse, por isso se mantinha cheia de dinheiro em todos os momentos. Eu supunha que ela tinha muito mais que o necessário para o táxi, mas estava ficando nervosa, com certeza meu tempo estava acabando; por isso, peguei a bolsa, sem gastar tempo para vasculhar dentro dela.

Se eu conhecia vovó, ela tinha pelo menos cem mil no cofre do meu ônibus de turnê. E podia fazer bom proveito do dinheiro. Pendurei a bolsa de grife sobre o ombro, baixei a cabeça e abri a porta do camarim.

Então, saí andando. Ninguém estava esperando do lado de fora da porta e, até onde eu sei, ninguém me olhou duas vezes. Tive o cuidado de não andar rápido demais.

Quando a sedução da fuga começou a cintilar para mim, várias semanas antes, comecei a prestar atenção nas saídas onde quer que eu me apresentasse. Andava pelo perímetro, pelos corredores de concreto, pelos vastos bastidores e labirintos industriais dos estádios e arenas, com o Urso nos meus calcanhares, usando a desculpa de que eu precisava esticar as pernas, fazer um pouco de exercício. Tornou-se um jogo. Um jogo de “e se?”. Onde quer que eu fosse, tramava uma fuga louca. Sonhava com ela. Fantasiava sobre ela. E agora eu estava ali, indo embora de uma arena que simbolizava o superestrelato. E não olhei para trás.



ASSIM QUE SOLTEI A TRELIÇA METÁLICA, ESTAVA ARREPENDIDA. Naquele instante, me perguntei se todos se sentiam daquele jeito no final. Nenhuma vida passando diante dos olhos, nenhuma sequência de um filme silencioso. Apenas uma breve, embora perfeita, consciência do fim, e a linha de chegada era cruzada. Inclinei-me para a frente, num lento movimento de mergulho de cisne, com os pés ainda agarrados à grade de metal. Senti o estranho ao meu lado se impulsionar na minha direção. Sua mão agarrou a parte de trás da minha blusa roubada e a puxou, mudando minha trajetória, e meus pés perderam contato com a grade. Minhas pernas sumiram debaixo de mim, e, em vez de cair para a frente, eu estava caindo para trás, e o lado esquerdo do meu corpo bateu na grade de metal na qual estávamos. O esforço dele também deve tê-lo feito perder o equilíbrio, porque senti seu peso passar de raspão no meu ombro. Caí esparramada dolorosamente, metade em cima do estranho, metade no concreto molhado que se projetava até a proteção da grade, e imediatamente tentei me levantar e me afastar dos braços que me agarravam, furiosa e esperneando, mais uma vez impedida de escolher.

— Para com isso! — ele reclamou, com falta de ar por causa do meu cotovelo apertando suas costelas, e eu apertei mais, tentando ficar em pé. — Você é louca?

— Não sou louca! — gritei. — Quem é você, afinal? Vá embora! Não pedi sua ajuda!

Meu gorro tinha caído no meio da confusão. Apalpei o chão procurando por ele, mas não consegui encontrar. Senti mais a perda do gorro do Urso do que a experiência de quase morte. Passei os braços em volta da minha cabeça, encostada à grade, e apertei as pernas contra o peito, respirando com dificuldade, piscando para conter as lágrimas. Talvez elas não tivessem vindo por causa do gorro. Talvez fosse alívio ou talvez medo, ou talvez ainda fosse o peso de eu não saber o que viria a seguir. Eu não tinha pensado além da ponte. Sabia que não poderia escalar a grade de novo e sabia que não haveria mais queda no nevoeiro. Eu estava curada da sedução cintilante. Pelo menos por enquanto.

— Eu também ia chorar muito se o meu cabelo estivesse assim — disse o estranho, em voz baixa, e se agachou ao meu lado. E me entregou o gorro. Peguei-o da mão que estendeu para mim e o enterrei ferozmente sobre os tufos devastados de cabelo. — Sou o Clyde. — Ele deixou a mão estendida, como se estivesse esperando que eu fosse apertá-la em cumprimento. Olhei para ele, entorpecida. Suas mãos eram grandes, como o resto do corpo. Mas ele não era grande como o Urso. O Urso era corpulento e musculoso, como uma barricada, o que realmente era, na essência. Clyde era esguio e comprido, de ombros largos, e suas mãos pareciam capazes e fortes, se isso fizesse algum sentido.

— Clyde — repeti, inerte. Não era uma pergunta. Eu estava testando. Na verdade, o nome não se adequava. Ele não parecia um Clyde. Clyde era o nome do cara que cuidava do posto de gasolina de uma bomba só em Grassley, Tennessee, ao pé da colina onde eu vivi por dezesseis anos, até minha avó convencer meus pais de que poderíamos ser ricos se eles a deixassem me levar para Nashville. O Clyde de Grassley, Tennessee, só tinha dois dentes e gostava de dedilhar seu banjo, que só tinha duas cordas. Dois dentes, duas cordas. Eu não tinha feito essa ligação antes. Talvez dois fosse o número favorito do velho Clyde.

— Como você se chama, menina louca? — perguntou o jovem Clyde, a mão ainda estendida, esperando que eu a apertasse para fazermos amizade.

— Bonnie — respondi, por fim. E então eu ri, como se *realmente* fosse louca. Meu nome era Bonnie e o dele era Clyde. Bonnie e Clyde. Não era perfeito? Apertei a mão dele, que engoliu a minha. Nesse instante, me senti tanto imprudente quanto redimida, como se talvez eu ainda não tivesse chegado ao fim, apesar de tudo.

— Tá bom. Você não quer me dizer, tudo bem. Entendi. — Clyde deu de ombros. — Eu te chamo de Bonnie se você quiser. — Clyde obviamente pensou que eu estava brincando, mas parecia disposto a entrar no jogo. Sua voz ainda era macia, ainda aquele tom grave que me fazia pensar que era preciso muito mais para tirá-lo do sério, e eu me

perguntei se ele cantava. Seria um baixo, alcançando todas as notas graves e ancorando o acorde.

— Você está fugindo de alguma coisa, Bonnie?

— Acho que sim — respondi. — Ou talvez só esteja deixando algo para trás.

Seus olhos procuraram algo em meu rosto, e eu abaixei a cabeça. Eu não sabia que tipo de música Clyde ouvia. Provavelmente não era o tipo que eu cantava. Mas meu rosto havia sido estampado em lugares conhecidos suficientes nos últimos seis anos para me tornar extremamente reconhecível, quer a pessoa gostasse de misturas country/pop ou não.

— Tem alguém para quem a gente possa telefonar?

— Não quero telefonar pra ninguém! Não quero ver ninguém. Não quero ser sua cúmplice, nem roubar bancos, Clyde. Agora eu quero ficar sozinha. Quero que você vá embora. Está bem? — Minha voz saiu como um rosnado, mas não liguei. Eu precisava que ele fosse embora. Assim que corresse a notícia de que Bonnie Rae Shelby havia “desaparecido”, ele ia descobrir quem eu era. Eu só queria ir para longe o suficiente para que não fizesse diferença se ele tinha me visto.

Ele suspirou e xingou baixinho, depois se levantou e começou a se afastar. Vários carros passaram depressa por nós, cada rajada de ar vindo do nada, e de repente me perguntei se Clyde estava a pé. Talvez fosse assim que ele tivesse me visto. Não sei como poderia ter visto de outra forma. Olhei em volta, como se houvesse respostas na névoa. Em vez disso, fiquei zozza e mais confusa. Eu nem sabia onde estava.

Eu me levantei e corri atrás de Clyde. Ele já estava perdido no nevoeiro, por isso comecei a correr um pouco, colocando as mãos nos bolsos folgados do moletom desleixado, ouvindo seus passos, esperando que ele não tivesse desaparecido. Estremeci. Ele não podia desaparecer pelas laterais. Só havia um sentido na ponte para onde ele pudesse seguir sem vir na minha direção. Eu não sabia por que o estava perseguindo depois de ter tido sucesso em espantá-lo, mas de repente eu não sabia mais o que fazer.



O som dos meus pés sobre a ponte mudou sutilmente, e percebi que tinha chegado a um lugar onde ela se alargava. Cones delimitavam as pistas de uma área separada. Havia um caminhão de obras branco, com o letreiro “Município de Boston” impresso na lateral, estacionado no trecho interditado. Uma Chevy Blazer alaranjada, surrada, de um modelo antigo, estava estacionada atrás do caminhão, com o pisca-alerta pulsando. Clyde estava sentado sobre o para-choque largo, joelhos afastados, mãos entrelaçadas entre eles, como se estivesse esperando que eu chegasse.

— É sua? — aponte para a Blazer.

— É.

— Por que você estacionou aqui?

— Não dava para parar direito ali atrás, com toda essa neblina. Eu teria causado um engavetamento.

— Mas por que você parou?

— Vi um menino em pé na grade, se preparando para pular no rio Místico.

— Como? — Minha voz parecia pouco descrente, até mesmo acusatória.

Ele me olhou, inexpressivo, obviamente sem entender a pergunta.

— Como você me viu no meio do nevoeiro?

Ele deu de ombros.

— Acho que só olhei no momento certo. E lá estava você.

Dei um passo para trás. Surpresa e intrigada, considerei a resposta.

— Então você parou aqui e voltou andando? Por mim? — Eu tinha passado de incerta a incrédula. — Por quê?

Ele se levantou, se virou e foi caminhando em direção à porta do motorista, ignorando minha pergunta.

— Você já desistiu de pular por hoje, Bonnie?

— E se eu disser que não? — eu o desafiei e cruzei os braços.

Ele parou e se virou devagar.

— Olha, você precisa de carona para algum lugar? Terminal de ônibus? Sua casa? Hospital? Onde quer que seja, eu te levo, está bem?

Eu não sabia o que fazer. Não sabia para onde ir. Girei num círculo e esfreguei os braços, considerando minhas opções, planejando o próximo passo, e não fazia ideia. Estava tão cansada, tão incrivelmente cansada. Talvez eu pudesse ir com Clyde até que passássemos por um hotel. Aí ele poderia me deixar lá, e eu conseguiria dormir por alguns dias ou alguns anos, até que meu mundo se endireitasse e eu tivesse um pouco de clareza ou de coragem — duas coisas que pareciam estar em falta em mim no momento.

Um carro de polícia passou num brilho ofuscante, depois outro, luzes que faziam a escuridão enevoadá parecer uma casa noturna cheia de fumaça, incluindo uma bola de luz psicodélica de discoteca. Clyde e eu nos encolhemos quando as sirenes soaram, e os olhos dele encontraram os meus.

— Você vem?

Concordei com a cabeça e corri para o lado do passageiro. Tive que puxar a maçaneta com um pouco de força, mas na segunda tentativa a porta abriu. Deslizei para o banco esfarrapado e fechei a porta, agarrando-me a ela quando Clyde se afastou devagar do meio-fio e se misturou ao tráfego que saía da ponte. O interior da Blazer ainda estava quente, e o rádio estava sintonizado numa estação de música clássica. Eu não gostava muito de música clássica. Fiquei surpresa que Clyde gostasse. Ele parecia mais o tipo Pearl Jam, ou talvez Nirvana. Seu gorro e a barba de uma semana no queixo o faziam se parecer um pouco com Kurt Cobain. Ele manteve os olhos voltados para a frente, mas imaginei que soubesse que eu o estava analisando, assim como ao interior de seu carro. Parecia óbvio que ele estava indo para algum lugar. Tinha algumas caixas, umas mochilas de exército, uma pilha de cobertores, um travesseiro e uma planta de ambiente interno meio maltratada. Atrás da segunda fila de bancos, pude ver o que parecia ser o braço de um estojo de violão. A vontade de puxá-lo por cima dos assentos, para meus braços, foi súbita e intensa, como se, se eu o embalasse no colo, ele fosse me ajudar a encontrar meu caminho, ou no mínimo me confortar da forma como o instrumento sempre confortava.

— Está indo para algum lugar? — perguntei.

— Para o oeste.

— Para o oeste? O que é isso, um filme de John Wayne? Existe muita coisa a oeste de Boston. Oeste quanto? — perguntei.

— Vegas — disse ele, baixando o tom.

— Hum. — Las Vegas. Era uma viagem e tanto. Fiquei me perguntando quanto tempo levaria. Eu não fazia a menor ideia. Era do outro lado do país. Um tempão de estrada. — Também estou indo naquela direção — menti com entusiasmo. Ele olhou para mim, as sobrancelhas desaparecendo sob a borda grossa do gorro.

— Você está indo para Vegas?

— Bom, talvez não até lá, sabe, mas só... para oeste — disfarcei. Não queria que ele pensasse que eu estava a fim de ir junto por todo o caminho até Las Vegas, embora de repente tivesse pensado que poderia. — Posso ir com você por uma parte do caminho?

— Olha, menina...

— Clyde — eu imediatamente o interrompi. — Não sou uma menina. Tenho vinte e um anos. Não sou menor de idade, não estou fugindo da prisão nem de um manicômio. Não sou membro da Ku Klux Klan nem vendedora de Bíblias, embora acredite em Jesus e não tenha vergonha de admitir, mas não vou ficar falando do meu amor por ele se você tiver problemas com isso. Tenho um pouco de dinheiro para contribuir com a gasolina, a comida e o que mais a gente precisar. Só preciso de uma carona para... o oeste. — Gostei que ele tivesse usado “oeste” antes, porque eu ia me agarrar a isso com todas as forças, agora que precisava de um destino.

Clyde, na verdade, sorriu. Foi apenas um torcer rápido de lábios, mas imaginei que significava algo. Ele não parecia ser do tipo sorridente.

— Você não tem nada além das roupas do corpo e dessa bolsinha, e o seu nome não é Bonnie, então você está, com certeza, se escondendo ou fugindo, o que significa que tem problemas atrás de você — retrucou. — E eu, sem dúvida, não quero problemas.

— Tenho dinheiro. E posso conseguir o que preciso ao longo do caminho. Eu não trouxe muita bagagem. — Dei de ombros. — Achei que não precisaria de malas no céu.

Clyde deu risada e olhou para mim, incrédulo. Eu não o culpava. Era brincadeira, mas eu parecia uma louca. E me sentia um pouco louca. Continuei falando:

— E, para sua informação, meu nome é Bonnie de verdade. Mas você não se parece muito com um Clyde.

— Clyde é meu sobrenome — disse ele, um pouco hesitante. — Fui chamado de Clyde por tanto tempo que uso esse nome automaticamente.

— Então, seus amigos te chamam de Clyde?

— É, chamam. Meus amigos — ele concordou, com uma tensão na voz que me fez acreditar que havia algo ali que ele não queria discutir.

— Bem, meus amigos e parentes me chamam de Bonnie. Então você também pode me chamar assim. Mesmo que seja meio engraçado.

— Bonnie e Clyde — ele murmurou para si mesmo.

— Isso aí. Vamos só esperar que esta pequena aventura tenha um final melhor que o deles.

Clyde não respondeu. Eu não sabia se ia me deixar ir junto ou não, mas ele não negou. A vizinha na minha cabeça que soava como minha avó me disse que eu tinha oficialmente perdido o juízo. Quando eu estava na grade da ponte e tentei saltar, meu juízo com certeza não foi resgatado como o resto do meu corpo. Deve ter caído na água abaixo da ponte, fazendo de mim um zumbi sem cérebro. Então encostei a testa na janela do lado do passageiro, fechei os olhos e me fingi de morta.